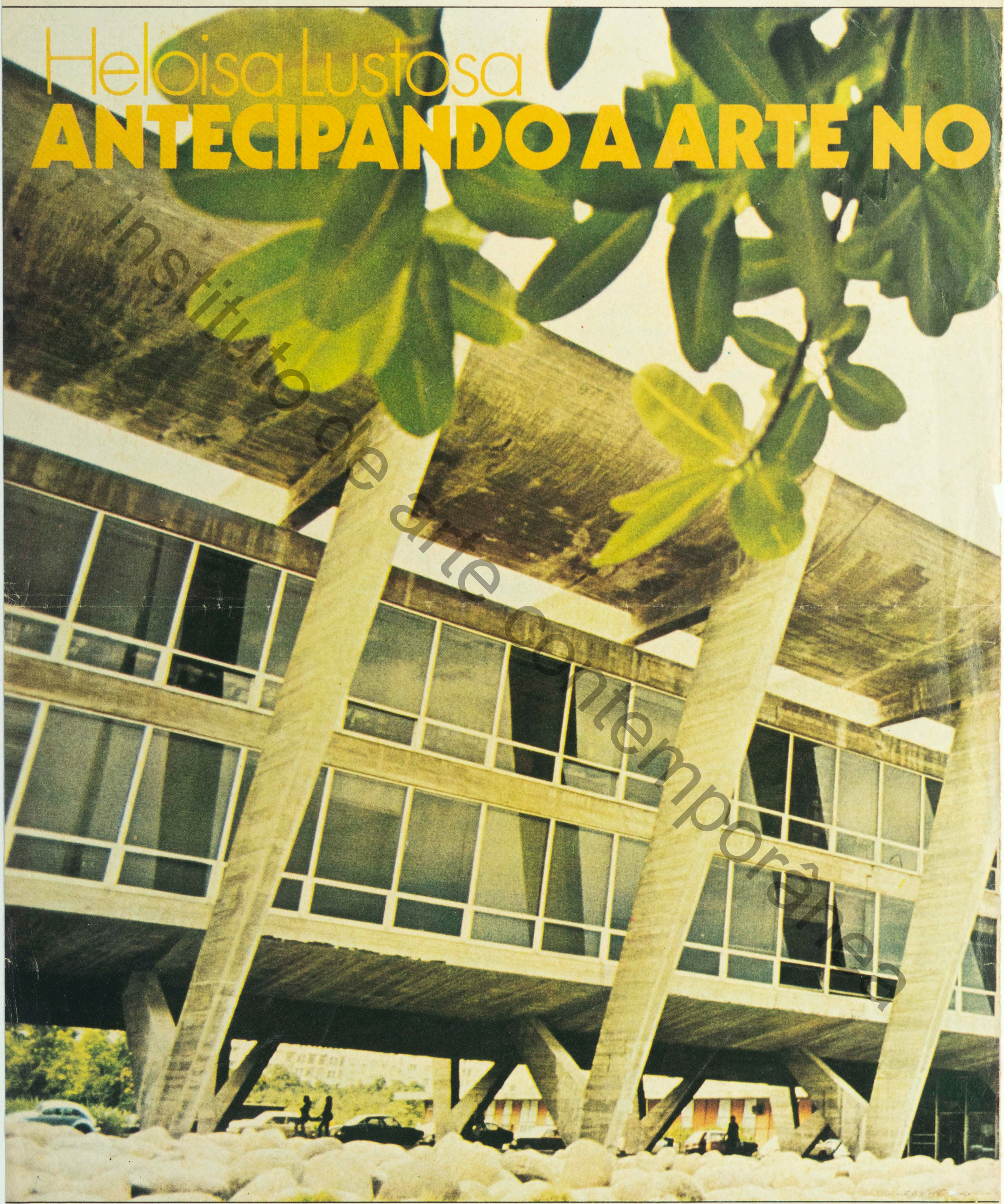


Heloisa Lustosa
ANTECIPANDO A ARTE NO



que o acervo do MAM não está em exposição?

— Se expuséssemos todo o acervo — responde Heloisa — cerca de duas mil peças, ocupariamos todo o nosso espaço. E foi constatado que o público que frequenta o MAM é o mesmo de sempre. Em mais de um mês este público se esgota. Mas ninguém tem dúvidas da importância desse acervo, de modo que o dividimos e procuramos mostrar sempre uma sexta parte, sendo que uma vez por ano damos uma visão panorâmica do que ele tem de mais importante. O espaço que sobra é para as exposições temporárias.

Justamente por ficar com uma parte do acervo periodicamente guardada, o conselho teve uma idéia que Heloisa considera "genial":

— Fazer o que o Museu de Nova Iorque, por exemplo, faz. Exposição de seu acervo em outros países. Faremos uma oferta à Funarte para que mande nossas obras aos outros Estados do Brasil. Proporcionar a milhares de pessoas a oportunidade de ver um Picasso pessoalmente. Nós mesmos já tivemos aqui mostras de Paul Klee, Bonnard, Maurício de Nassau, Giacometti, Bacon, Decunng, Dubuffet. Estaríamos com isso resolvendo um problema cultural e o nosso, financeiro.

Os sócios, outra fonte de renda, já foram em número bem maior. Mas falta ao MAM um departamento que se ocupe especialmente deles:

— É preciso oferecer algo em troca, como por exemplo, entrada gratuita, redução na entrada para a Cinemateca, para a Sala Corpo e Som, restaurante, cursos, compra de qualquer obra de arte, estacionamento, enfim, dar ao sócio uma vantagem.

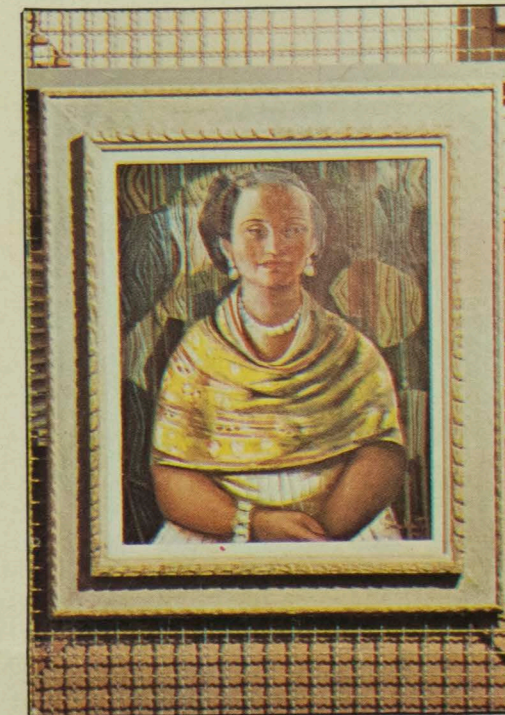
O Museu promove quatro exposições por mês. A maioria delas é financiada por embaixadas, bancos, Funarte ou o próprio artista. Mas as realizadas no terceiro andar, com artistas que trabalham com novas linguagens, são totalmente financiadas pelo Museu:

— No ano passado, dois terços da verba liberada pelo MEC foram empregados nesta área experimental. É muita pretensão julgar o que é bom ou não. Então, o Museu abre um espaço para artistas que não têm possibilidade de expor em galerias. E banca estas exposições.

Durante o ano de 1976, o MAM teve um superávit — Heloisa diz ser a primeira vez que isto acontece — de Cr\$ 463.730,26. Seu total de despesas (custos de administração, pessoal, operacionais, tributários e securitários e ainda custo financeiro)



Portinari



Di Cavalcanti

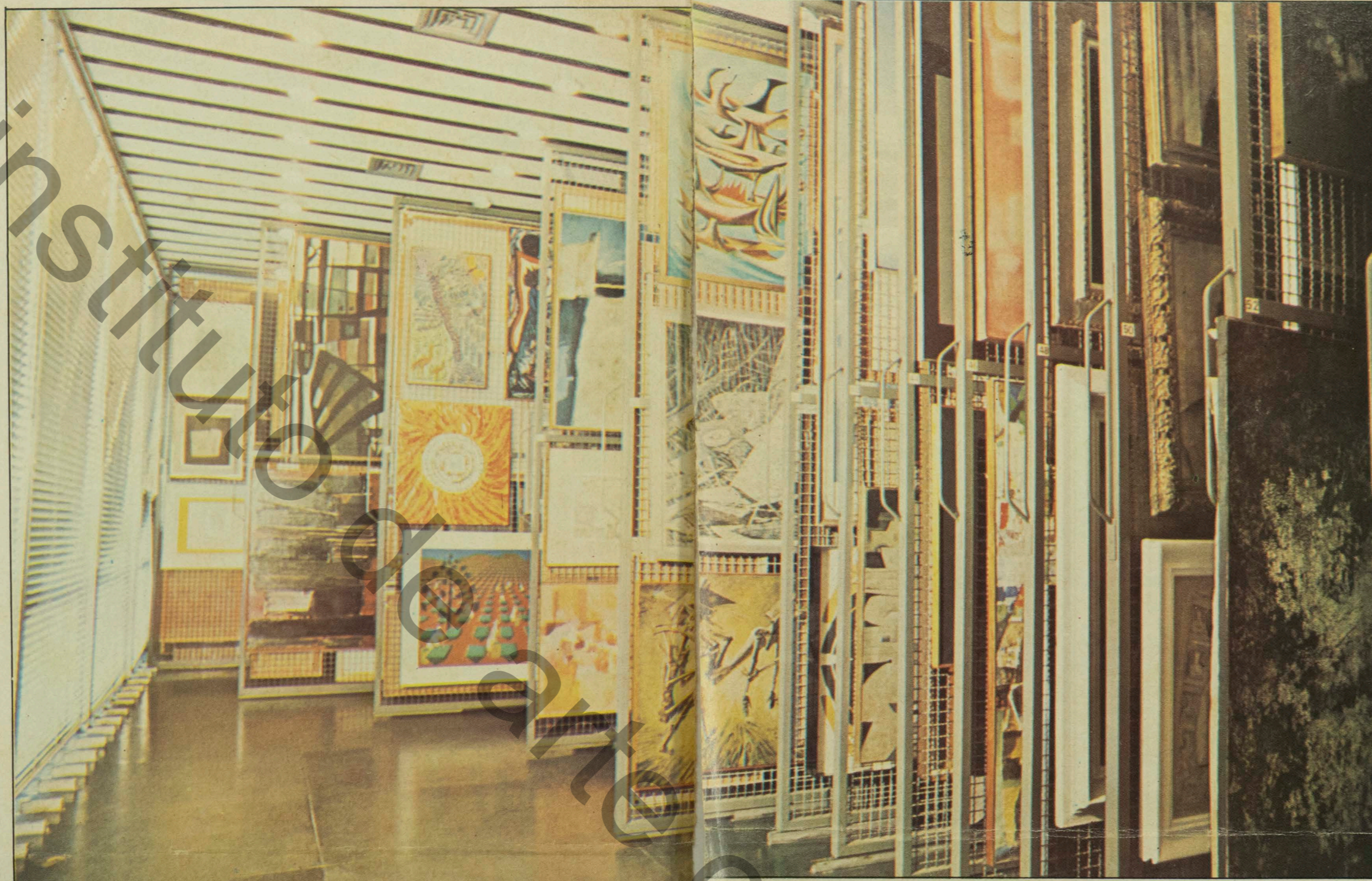
foi de Cr\$ 8.014.819,61. No entanto suas receitas (associados, aluguéis fixos, aluguéis de áreas, exposições, cinemateca, shows, espetáculos, cursos, vendas de objetos de arte, estacionamentos, despesas recuperadas, subvenções federais, beneficentes e eventos diversos) chegaram a Cr\$ 8.478.549,87. Já o período de janeiro a junho de 1977 mostra-se bem menos otimista, apresentando um déficit de Cr\$ 793.354,25.

A galeria que funciona no terceiro andar do prédio com obras em consignação está dando um lucro bom, segundo Heloisa, tanto que a direção do Museu resolveu abrir filiais no restaurante e foyer.

— Para gente que vem almoçar com pouco tempo para visitar as exposições e galerias.

Um dos setores que deixa a diretora-executiva entusiasmada é o de cursos. Funciona sempre na base de *courses*. Bons, mas ainda não os ideais.

— O MAM pode oferecer muito mais. Pretendemos fazer cursos a longo prazo e com a intenção de formar profissionais. A cinemateca, por exemplo, já está colocando este plano em ação. O curso de Formação de Diretores de Produção e Produção Executiva já está terminando mas dois novos estão programados: Criação de Roteiros e Animação. Imagina que o de



Em breve os quadros e esculturas guardados no Museu deverão ser mostrados nos Estados, contribuindo para resolver dificuldades financeiras



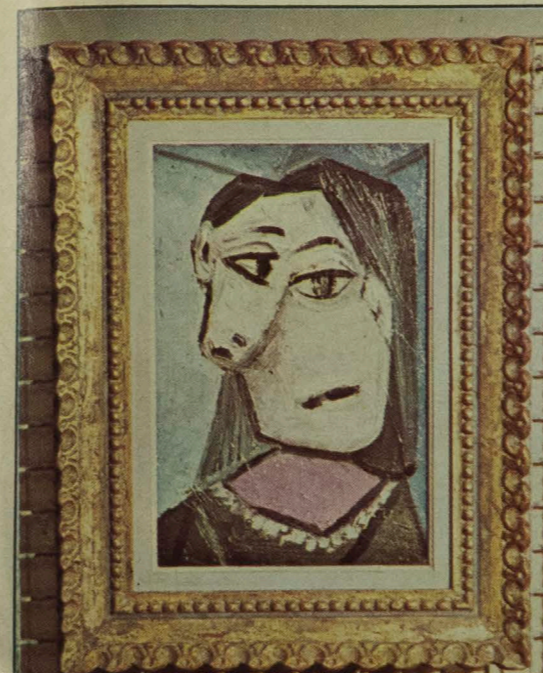
Brancusi



Brecheret

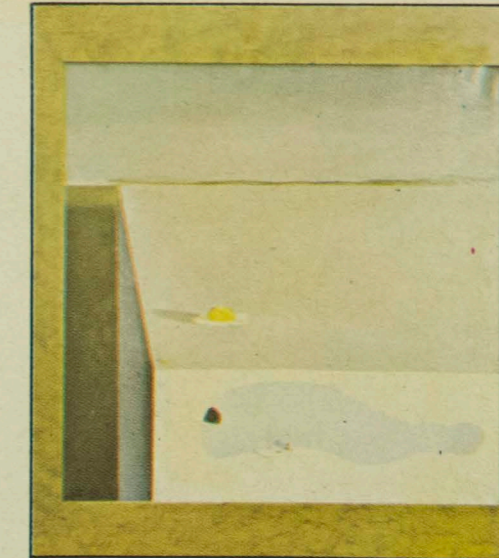


Morandi



Picasso

O acervo do MAM tem várias obras de arte que valem mais de um milhão de dólares, quantia suficiente para resolver de uma vez por todas seus problemas



Dali

Produção era para 30 alunos e na primeira semana havia 300 inscritos. Decidimos dobrar o curso, mas mesmo assim só foi possível aceitar 60 alunos.

Qualquer curso é idealizado de comum acordo com entidades de classe. Não adianta se fazer no Brasil um curso de montador se há vários profissionais do ramo desempregados.

— A cinemateca do Museu conta com uma equipe dedicada e maravilhosa. É preciso não esquecer também que saiu daqui a mentalidade de que é preciso ajudar o cinema brasileiro. Cineastas como Cacá Diegues, Joaquim Pedro, Eduardo Escorel, Sérgio Santeiro, sempre participaram dos nossos eventos. Esses cursos, no entanto, só estão sendo possíveis graças ao Depex — Departamento de Expansão Cinematográfica da Embrafilme.

Os coordenadores da cinemateca são Cosme Alves Neto e José Carlos Avellar. Com eles, mais quatro pessoas trabalhando, organizando um arquivo de 14 mil pastas. Pelo telefone interno Heloisa chama um deles e é Aloisio quem vem até sua sala. Prefere não dizer seu sobrenome. O importante é a função do departamento em que trabalha:

— Preservar e guardar filmes — diz ele. Mas é claro que a nossa principal preocupação é com o cinema brasileiro. Está conosco a única imagem filmada de Campos Salles, por exemplo. Temos classificados cerca de 8 mil filmes e devemos ter outro tanto para classificar.

Muitos precisam ser recuperados, mas somente o levantamento feito para a recuperação dos cinejornais exige mais ou menos um milhão e meio.

— Mas já recuperamos quase todos os filmes de ficção. Temos feito também seminários fora do Rio a pedido do Projeto Rondon.

O que falta ao Departamento de Cinema é poder seguir a lei que faculta à Cinemateca exibir qualquer tipo de filme:

— Acontece que esta lei nunca foi regulamentada.

O Departamento de Desenho Industrial, dirigido pelo professor Bergmiller é outro que na opinião de Heloisa vem desenvolvendo uma atividade cultural da maior importância:

— Fizeram um trabalho de embalagens que terminou com um manual já implantado em diversas cidades e atualmente estão determinando os critérios a serem usados na construção de móveis escolares.

Além do Departamento de Corpo e Som, coordenado por Sidney Miller, responsável por todos os espetáculos levados nos últimos anos e com uma sala bastante precária, está sendo implantado o Departamento de Literatura, coordenado por Socorro Trindad:

— Era o único que faltava — explica Heloisa. Será dedicado a conferências, debates, noites de autógrafos e, eventualmente, poderá até mesmo editar livros.

Em abril próximo, este setor estará sendo inaugurado com uma semana que pretende ser uma revisão crítica da literatura brasileira de 1922 a 1976.

— Mas o grande sonho ainda é a construção do teatro — fala a diretora. O projeto do arquiteto Afonso Eduardo Reidy prevê três blocos e só temos dois construídos. A passarela que se vê na frente do prédio já é a fundação com 30 metros de profundidade para o futuro teatro.

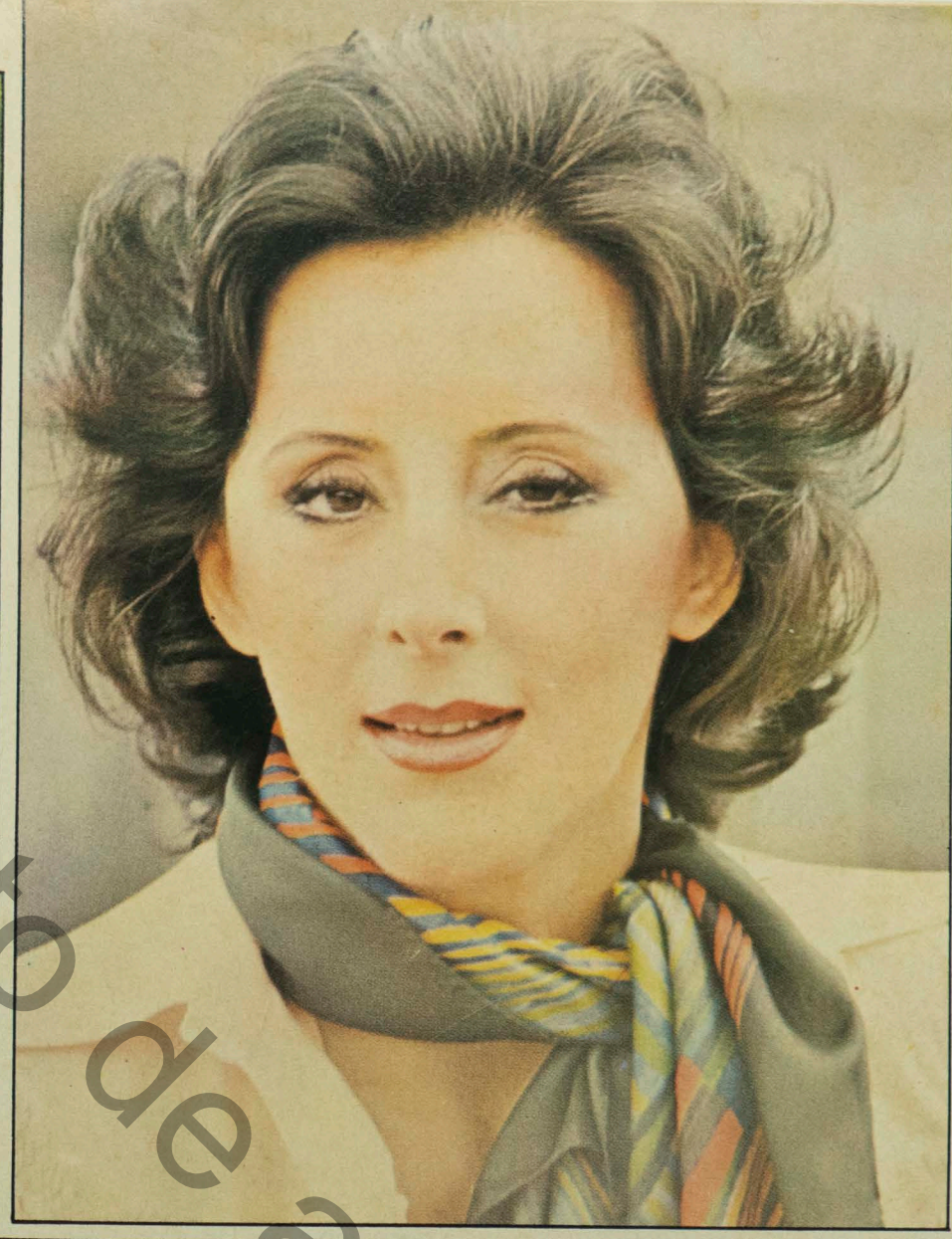
Pelo estatuto do MAM, um profissional não poderá dirigir-lo nunca. Por isso Heloisa Lustosa foi convidada para o cargo. Na presidência está o Dr. Ivo Pitanguy e como vice-presidentes o Embaixador Sette Camara e o Senador Gilberto Marinho. Há ainda um diretor-adjunto, Dr. Mendonça Clark; um diretor-secretário, Dr. Alvaro Americano; e um diretor-financeiro, Dr. Leônidas Bório. A diretoria por sua vez é eleita por 30 conselheiros, escolhidos por 200 sócios-delegados:

— O meu trabalho aqui — diz Heloisa — é muito mais político do que cultural: chamar as pessoas certas para os lugares certos e equilibrar tudo. E principalmente, não deixar que nenhum grupo prevaleça. Só uma pessoa não comprometida com o meio pode fazê-lo.

Quanto ao futuro do MAM, uma previsão só poderá ser feita depois que for lançada a campanha que visa interessar novos sócios. Estes podem escolher em que categoria preferem ficar: sócio-benemérito (paga uma quantia alta), sócio remido (paga uma quantia estipulada e nunca mais dá nada), e sócio contribuinte (paga mensalidade).

— Mas as regalias são as mesmas. Se a campanha for compreendida poderemos fazer no MAM um excelente trabalho.

MAM



Diretora-executiva do Museu de Arte Moderna, cargo não remunerado que ela exerce com a garra de quem ganha um salário milionário, Heloisa Lustosa administra um patrimônio de milhões de dólares em obras de arte e um déficit quase crônico que impede o MAM de cumprir todas as finalidades a que se destina e de realizar uma infinidade de projetos engavetados por falta de verbas

Maria Lúcia Rangel



Sandberg, responsável pela reformulação por que passaram os museus modernos afirmou certa vez "que o museu deve acompanhar e se possível antecipar o que acontece em matéria de arte no mundo". Heloisa Lustosa, diretora-executiva do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, há seis anos tenta seguir o conselho deste holandês. Conselho difícil de ser observado, já que o museu luta há anos com dificuldades financeiras, somente conseguindo sair do déficit no ano passado. Uma surpresa que deixou animados sócios, conselheiros, diretores e presidente. No entanto, o MAM economicamente é riquíssimo. Considerando-se o terreno em que está plantado, o prédio admirado em todo o mundo e seu acervo, com várias obras que ultrapassam o milhão de dólares — soma que resolveria todos os seus problemas — tem-se a impressão que ele nada em dinheiro. Mas a cabeça cubista de Picasso, a cabeça de Brancusi e mais Miró, Salvador Dali, (*L'oeuf sur le plat sans le plat*) Magritte, Mathieu (ele pintou aqui um óleo ao som da música de macumba mas dizem as más línguas que, na Europa, o resultado da pintura ao som de uma sinfonia de Bethoveen não foi muito diferente), May, Morandi, Tanguy, não bastam. Assim como os dois mil sócios são poucos.

Heloisa Lustosa, cargo não remunerado, horário de trabalho que vai das 14 h às 19 h, está começando uma campanha em que o *slogan* é mais ou menos este: O Museu Pertence a Você. Use-o.

— Muita gente ainda fica intimidada perante o MAM. Outros, cobram o déficit considerado por eles irreal. "Quantas vezes voltamos da porta do cinema ou do teatro por falta de lugares!", afirmam, como se as entradas dos espetáculos pudessem cobrir as despesas exigidas. O Museu estaria se desvirtuando de sua finalidade se cobrasse mais. O interesse é conquistar os jovens, formar profissionais através de seus cursos, aumentar o número de sócios oferecendo algo em troca, conseguir doações aumentando assim o seu acervo:

— Além da campanha já estruturada visando conseguir novos sócios — diz ela — pensamos também em sensibilizar as empresas para que façam doações que permitam a redução do Imposto de Renda. Aí sim, equilibraremos a despesa com a receita. O Museu funciona mais como centro de arte do que propriamente como museu, daí a despesa operacional ser alta. Este é outro motivo de queixa. Por